

DUNGA RODRIGUES E SEU CONTRIBUTO PLURAL PARA A HISTÓRIA E A CULTURA MATO-GROSSENSE

DUNGA RODRIGUES PLURAL AND THEIR
CONTRIBUTION TO THE HISTORY AND CULTURE
MATO GROSSO

Carlos Gomes de Carvalho¹

RESUMO: A dama da cultura mato-grossense. Lúcida retratista da sociedade cuiabana. Seja como ficcionista, quer como cronista de jornal ela torna história cuiabana mais compreensível e mais humana. Como pesquisadora enriqueceu a compreensão da sociologia, da psicologia social, do folclore e da música em Mato Grosso. As suas crônicas são uma mostra da intertextualidade entre a realidade e a ficção, numa representação acabada do olhar arguto da repórter, combinados com as impressões da memorialista e a sensibilidade da ficcionista. *Marphysa* é exemplo de uma obra que, num mosaico harmonioso, entrelaça ficção e realidade, se confundindo com a própria fisionomia cultural e histórica da cidade e de sua gente.

Palavras-chave: Mato Grosso. Cultura. Dunga Rodrigues.

ABSTRACT: The lady of culture mato-grossense. Lucid portrait of society cuiabana. Be that as novelist, newspaper columnist and as she makes history cuiabana more understandable and more human. As a researcher has enriched the understanding of sociology, social psychology, folklore and music in Mato Grosso. Their shows

¹ Advogado, professor, contista, poeta e ensaísta. Publicou vários livros nas áreas de Direito, de História, de Ecologia, de Literatura e de Poesia. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, da qual foi presidente em dois períodos. cg.carvalho@uol.com.br

are a chronic intertextuality between reality and fiction, a representation of the finished look of shrewd reporter, combined with the impressions of the sensitivity of the novelist and memoirist. *Marphysa* is an example of a work, a mosaic smooth, interweaves fact and fiction, mingling with the very face cultural and historical city and its people

Keywords: Mato Grosso. Culture. Dunga Rodrigues.

Dos autores mato-grossenses, Dunga Rodrigues está entre os que mais expressivamente retrataram o cotidiano, as peculiaridades, as manhas, as idiossincrasias, o humor, a picardia, as particularidades e os tipos de sua gente. É a partir desse enfoque humaníssimo que ela retrata a cidade em seus aspectos materiais, isto é, as suas casas, becos, praças, ruas, bairros etc. Estes elementos – sociais, históricos e geográficos – descritos com riquezas de detalhes de quem os vivenciou, reúnem numa só moldura a cidade que se mescla ao povo, resultando numa única configuração, como se Cuiabá só pudesse existir e ser a cidade que é pelo povo que tem, e o cuiabano só pode ter o espírito que tem graças às formas, ao clima e os contornos históricos e geográficos que a terra lhe oferece.

A cidade que ela descreve, com desvelo de mãe e admiração de filha, é a alma máter da história do Estado, e o povo ao qual retrata é aquele que, por séculos, formatou o perfil de seguidas gerações de seus habitantes, e aqui, em seus primórdios, com denodo, bravura e sagacidade assegurou a presença lusitana no mais distante núcleo civilizado a oeste da linha Tordesilhana. Cuiabá e a sua gente, aqui compreendidos os cuiabanos natos e aqueles que para cá vieram, têm, nos relatos dessa autora, o mais completo e lúcido retrato de quantos já se escreveram.

*Marphysa*², por exemplo, é bem o espelho de uma obra que, num mosaico harmonioso, entrelaça ficção e realidade. Aliás, diga-se de passagem, esta era uma característica marcante da produção artística da autora: a de quem nunca esteve distanciada, fosse qual fosse o campo em que se expressasse, inclusive o musical, da existência de pessoas de carne e osso e da concretude de uma cidade feita de argamassa e tijolos. Daí que a obra de Dunga se torna importante não apenas para a ficção, mas igualmente para a história, para a sociologia e, por que não? para o estudo da psique mato-grossense.

2 A Academia Mato-Grossense de Letras iniciou em 2008 a publicação da Coleção Obras Raras de Mato Grosso, coordenada por Carlos Gomes de Carvalho. Até 2009 foram editados oito volumes dos dez inicialmente previstos. *Marphysa* e *Crônicas Cuiabanas* compõem o nono volume a ser publicado, sendo o último, No Termo do Cuiabá de Cavalcanti Proença.

Marphysa e o conjunto de suas crônicas obedecem, é verdade, abordagens distintas, na qual, se um pende para a ficção, o outro se propõe a ser um relato mais objetivo da realidade. Não obstante, irá se observar que em ambos se mesclam de igual forma elementos de ficção, ou no mínimo de liberdade poética, e de relatos reais e concretos. Como se interpenetrassem. Isso quer dizer que quando escreve sobre a vida de Marphysa, até o seu primeiro casamento, a autora introduz o quadro social da época em toda a sua realidade objetiva, bem representada pela figura do coronel Gusmão, e quando nas crônicas descreve alguns acontecimentos cuiabanos não deixa de dar-lhes as cores da ficção. E isso torna a sua prosa fluente e sedutora e amplamente informativa. De todo modo, o núcleo sobre o qual se desenvolvem, tanto as crônicas como a breve novela, é um único e exclusivo: Cuiabá e a sua gente.

O que, em síntese, pretendo dizer é que as reminiscências de Dunga penetram na vida privada dessa gente cuiabana e faz dessa micro-história elemento fundamental para o conhecimento da história mesmo de Mato Grosso. Diria que os seus escritos, ficcionais ou não, são os tijolos que preenchem os vazios dos relatos históricos. Sem a contextura desses micros elementos, a História se torna como que um relato despojado de carne e osso. Temos como comum as descrições dos grandes e marcantes feitos, onde aparecem os nomes dos principais personagens, como se só eles o tivessem realizado. E, mais ainda, sem entender a sua face humana e o contexto social e afetivo em que viveram. Mas o que é história feita por esses “grandes” nomes sem que a eles estivessem agregados inúmeros e incontáveis figurantes, definitivamente escondidos ou perdidos para sempre nos desvãos da história? E, mais ainda, como seria a vida desses protagonistas máster fora do poder, ou antes, de a ele chegar? Que elementos sociais, familiares, culturais formataram a sua personalidade? Como resultaram no que foram? Por que agiram de uma forma e não de outra?

É conhecida a expressão de Ortega e Gasset segundo o qual o homem é ele e suas circunstâncias. E essas circunstâncias nem sempre estão postas com clareza nos aspectos relatados nos livros que abordam apenas os fatores políticos e econômicos conjunturais da História. Temos então o relato frio e distanciado da realidade concreta em que os “grandes” homens aparecem como tendo agido exclusivamente pelo talento, pela força de sua personalidade, pela enorme sagacidade e pela intuição de que eram dotados, ou ainda que o fizeram sob a inspiração divina. Todavia, é truísmo dizer-se que é também com o relato dos pequenos fatos, daquilo que denominamos de micro histó-

ria, embasada tanto em documentos como na oralidade, na tradição e nos costumes, e para os quais os elementos ficcionais igualmente oferecem importante contribuição, que se irá construir o painel mais completo da história de um povo. Não é por outra razão que Marx e Engels tanto admiravam Balzac. Viam nele aquele autor burguês que tão amplamente retratou a sua época, muito superior até a muitos historiadores. Sem dúvida, na *Comédia Humana* se encontra um dos painéis mais completos e lúcidos da sociedade francesa sob a Restauração e a Monarquia de Julho. Balzac apresenta as forças históricas em um processo de movimentação constante nas quais os indivíduos, como elementos de classes sociais, se antagonizam e defendem os seus interesses materiais. Assim escreveu no prefácio à *Comédia Humana*: “*Não somente os homens, mas ainda os elementos principais da vida se formulam pelos tipos.*”

Não se pretende aqui, por óbvio, estabelecer qualquer parâmetro entre autores tão distantes no tempo, na sociedade e na importância cultural e literária, mas tão somente a partir de um paradigma universal, dizer que a autora de *Marphysa* se estabelece como uma criadora de tipos representativos de uma pequena e acanhada sociedade tropical. É verdade que ela não tinha condições de fixar um grande painel dos usos e costumes da sociedade cuiabana, mas seus pequenos quadros, os seus *flashes* por assim dizer, dão bem uma mostra, como poucas, de um período de nossa história contemporânea. A verdade é que Dunga, como ficcionista ou como a cronista do cotidiano cuiabano contribuiu para tornar a nossa História mais compreensível e humana.

É essa transcrição da vida diária, com seus tipos e seus pequenos dramas, de seu riso, do *non sense*, das pequenas coisas da vida e por ser, em sua grande maioria, uma gente simples, sem ter um fio condutor, que apenas vive o passar do dia sem maiores esperanças que não aquela de estar viva no dia seguinte, enfim com um retrato fiel dos dramas e das comédias que é a vida em qualquer latitude faz dos escritos de Dunga elemento essencial para a compreensão da dinâmica da nossa história, e que possa ser vista e entendida sob um prisma de humanização. Os desvãos da história, os avanços e os recuos, a tibieza e a coragem, a aspereza da luta pela sobrevivência num ecossistema rico e luxuriante que emolduram as figuras humanas descritas por Dunga, transforma o relato dessa história num corpo em que corre sangue vivo. Sob esse olhar, a História já não é mais somente a descrição fria e impessoal dos fatos realizados pelos “grandes” homens. Os relatos feitos por nossos historiadores, com as exceções pontuais, embora sendo ricos de pesquisas, não pintam esses personagens com as cores

da vida cotidiana, trazendo-os sempre sob o seu aspecto oficial, seja do fracasso ou do sucesso, e mais geralmente deste.³

Através dos textos de Dunga vemos a fluidez da vida percorrer as páginas da história dando-lhe um caráter de veracidade e autenticidade únicas. Daí que a compreensão dos textos da história mato-grossense, e em particular cuiabana, ficará incompleta se não se fizer acompanhada também pela leitura da saborosa escrita dungaiana.⁴

II

Há que se reconhecer em Dunga a lúcida retratista da sociedade cuiabana. Seja como ficcionista, quer como cronista de jornal, ela torna essa história mais compreensível e mais humana. Se, como ficcionista, não tem o fôlego de um José de Mesquita cria, no entanto, com a espontaneidade e a simplicidade de seu estilo uma ficção que é também testemunho. É interessante sublinhar a interface que ela estabelece com a estória que relata, já que se dá ao direito de ser também personagem da estória que está sendo contada. No entanto, é sibilina e tem um sorriso maroto quando, por exemplo, a respeito da estória que conta, avisa: “*São fatos presenciados por mim, ou conhecidos de ouvir contar, possíveis de terem acontecidos ...*”. De forma enigmática a autora nos induz à dúvida: afinal, os fatos, embora “presenciados por ela”, podem ser que não tenham acontecido, pois é isso que ela deixa entrever com esses inusitados “possíveis”. Que notável a habilidade narrativa de Dunga em criar dúvida sobre a sua própria presença no fato por ela narrado. Afinal, o ego narrativo presenciou ou não o fato? Ele é ou não verdadeiro? Enfim, o que existe de real e o que é ficção naquilo que Dunga nos relata?

Todavia, mesmo tendo (na apresentação) levantado esta questão preliminar, o seu comportamento no decorrer de toda a estória de Marphysa é a de alguém que, do alto e de fora, observa o personagem e os acontecimentos e que resolve, quando menos se espera, intrometer-se na estória como a dizer, “*olhe, eu estive presente e agora quero falar*”. E a narradora habilmente sempre deixa uma porta entreaberta para se introduzir na estória quando melhor lhe aprouver. A maioria dos

3 Um dos exemplos mais evidentes dessa constatação é o referente aos episódios que envolveram o governo e a morte de Antônio Paes de Barros. Personalidade das mais importantes da história regional, industrial inovador e político destemido, foi assassinado em 1906 em pleno mandato de Presidente do Estado. Durante décadas sua lembrança foi praticamente banida da vida pública, não recebendo mais que breves referências nos livros de História. Só bem recentemente, a visão dos vencedores da grave contenda deflagrada nos primeiros anos do século vinte, deixou de reinar soberana, e assim a figura de Totó Paes, como era conhecido, passou a ganhar relevo e a ser estudada sob um enfoque mais generoso.

4 Seja me permitido o neologismo.

personagens ela os conheceu pessoalmente. Por exemplo, o coronel Gusmão, pai de Fisinha, porque em criança “*armava um berreiro para acompanhar meu pai em comemorações ou reuniões*”; ou o turco Elias “*Para mim era uma festa vê-lo arriar a carga, dar uma bufada de alívio, com a testa gotejando do esforço e do calor.*” e vai por aí a fora, em vários momentos se imiscuindo na estória para, inclusive, num capítulo intitulado de “*avulso*”, dizer risonhamente sem qualquer preconceito: “*Eu não sei onde os coordenadores deste livro acharão por bem colocar este capítulo. Eu acho bom que seja aqui mesmo. Mas tanto faz que ele venha no começo ou no fim.*” Essa liberdade criativa é notável, na medida mesmo que, talvez involuntariamente, Dunga tenha criado, com *Marphysa*, uma obra aberta⁵ em que também o leitor pode interferir e, se quiser, estabelecer a seu talante a ordem dos capítulos [“... *tanto faz que ele venha no começo ou no fim.*”] ou, agindo como um crítico rigoroso, tenha “*coragem para prosseguir ou então desistir de vez e desse no pé, em marcha ré desabalada.*” Dunga dá inteira liberdade ao leitor para movimentar o capítulo do livro, na medida mesma que ela inova ao iniciar a estória de *Marphysa* não pelo começo natural que seria o do nascimento do personagem, mas pelo fim, com o seu enterro. E, ademais, permite, e até estimula a que leitor abandone a leitura do livro sem qualquer constrangimento. Notável.

Marphysa não é bem uma novela no sentido estrito do conceito, onde o elemento ficcional prevalece, mas é antes uma espécie de jornalismo com pitadas ficcionais. O relato em primeira pessoa com que dá início, já a coloca como participante ativa da vida da protagonista. E assinalando essa interferência, ou mesclagem entre ser personagem do seu relato e ao mesmo tempo ser a sua autora, Dunga aproveita para comparar um velório às antigas em Cuiabá com um que, em certa ocasião, presenciou no Rio de Janeiro. Em vários outros momentos vemos essa intromissão, essa presença da autora que se coloca também como personagem como, por exemplo, quando menina ainda conhece, fascinada, o coronel Gusmão e a admiração que passou a ter por ele. E assim, em grande parte do livro, Dunga não é apenas a autora, mas se inclui como participante dos fatos vividos por seus personagens.

O relato começa com a morte da personagem principal. O velório de *Marphysa*, *Phisinha* e, por último, *Consuelo* é assim como que um

5 Adoto aqui o conceito estabelecido por Umberto Eco em sua celebrada obra com esse título: “A abertura e o dinamismo de uma obra [...] consistem em tornar-se disponível a várias integrações, complementos produtivos concretos, canalizando-os a priori para o jogo de uma vitalidade estrutural que a obra possui.” *in*: A Obra Aberta.

pretexto para que a autora faça distinção entre os dois tempos em que transcorrerá a estória. E o assinalamento da diferença entre o período da meninice e juventude e depois o da velhice da personagem é dado pelo surgimento das empresas funerárias. Os métodos modernos de enterramento estabeleceram igualmente uma forma nova de velar os mortos e assim a autora apresenta a diferença de hábitos e costumes que a sociedade “modernizada” cuiabana foi adquirindo ao longo dos anos. Se a vida de Marphysa é contada com certa linearidade, na verdade ela se torna um quadro multifacetado no qual Dunga vai cuidadosamente descrevendo e inserindo os tipos humanos de Cuiabá, assim como a feição que a cidade vai tomando com o seu lento crescimento urbano.

É neste sentido que, nessa novela híbrida, se ressaltam essencialmente dimensões sociológicas e históricas evidentes. Nela, a par das referências aos usos e costumes da época, se mostra o comportamento dos grupos e das classes sociais, numa clara delimitação do aparecimento de uma sociedade urbana mais complexa, de caráter modernizante e mais “instruída”, que se afastava das características de uma sociedade de prevalência de valores rurais, onde cidade e campo se viam praticamente confundidos. Não obstante essa evolução, elementos da velha composição social de antanho (até as primeiras décadas do século vinte, pelo menos) ainda se impunham, embora viessem perdendo força. Um exemplo disso é a figura do coronel cuiabano.⁶ E, não importando como tivessem conquistado o apodo, já que o que interessava era tê-lo como forma de demonstrar ascendência hierárquica, eles eram “*Coronel de Usina, da Guarda Nacional, da política, até o Capitão do Mato*”. A descrição do coronel, título que não possuía qualquer conotação castrense, mas era um designativo da forte personalidade que se impunha no mandonismo local, mos-

6 Outro tipo de coronel, de cepa e figuração distintas, de características e vivências mais rurais, é descrito por Virgílio Corrêa Filho. O atento historiador mostra que na região do Pantanal a figura do coronel, com o decorrer do tempo e às diversas variáveis da economia regional, e mesmo devido a aspectos sociológicos, foi perdendo a importância e o apuro social de outrora, embora conservasse ainda a força do mando. “... o coronel mirandense (do município de Miranda) e da mesma forma outros muitos fazendeiros não se distinguiam, na aparência, dos seus camaradas, que lhes acatavam, todavia, a autoridade por lhes reconhecerem a superioridade pessoal. Entre ambos os grupos, manifestava-se a osmose social, pela transferência de indivíduos de uma classe para outra. Mais frequentemente, porém, ocorria, em vez de ascensão, o declínio, pelo esmorecimento da prole de antigos latifundiários, não preparada convenientemente para ao menos conservar a herança recebida.” E, ilustrando esse estado de igualdade e simplicidade do coronel pantaneiro, conta um episódio que surpreendeu um viajante. Estando à margem do rio Miranda e necessitando alcançar a margem oposta onde ficava a fazenda na qual deveria hospedar-se, começou a gritar apelando para o canoieiro da outra margem para vir pegá-lo. Assim, logo depois lhe aparecia um hábil canoieiro que o transportou para a fazenda. Ao saltar, o viajante dele indagou onde estava o seu patrão e de quem se tratava. O serviçal canoieiro o deixou à entrada da porta e muito educadamente pediu-lhe que aguardasse por um momento. Então ele contornou a casa e reapareceu a seguir por outra porta, já agora envergando um traje esmerado e com uma relativa elegância, que indicava claramente a hierarquia social a que pertencia. A estupefação do viajante, que já lhe devia a travessia, foi imensa, conclui o historiador. *In: Pantanaís Matogrossenses.*

trada como uma figura entre patriarcal e tirânica, ora bonachona e carrancuda, cheia de manhas e de espertezas, é uma verdadeira análise de psicologia social.

A observação da autora sobre a presença dominadora do chefe local é vista através de um insuspeito simbolismo de poder.

Quanto à figura de projeção que escolhi, a dos coronéis, por incrível que pareça, foi a que mais fascínio exerceu sobre uma criança curiosa e talvez vaidosa. Não por suas pessoas físicas, ou pelo seu título, mas pelo medalhão de ouro e brilhantes que ostentavam, patenteando o seu poderio e prestígio, que a extensão dos seus feudos políticos lhes conferia. As pedras preciosas sempre me atraíram a atenção. E as havia abundantes, no peito daqueles senhores encasacados, pendentes de suas chatilaines. Uns mais conglomerados, outros mais modestos, uns com desenho de meia-lua e uma estrela, outros com sois irisados. Alguns com cravações salientes, outros incrustados ao fundo, percebidos apenas pelo fulgor de seus reflexos.

E, mais adiante:

O que encabulava era a sua indumentária. Viviam de colete por cima de uma camisa branca de mangas compridas. E não tiravam o chapéu da cabeça, mesmo dentro de casa. Fizesse chuva, sol ou sereno, estava ele com o chapéu de feltro preto, como se proteger de raios maléficos a lhe penetrarem na cachola. Em compensação, cintilava, de chamar a atenção, um brilhante puríssimo, dentro de uma estrela, ao lado de uma meia lua, lembrando a bandeira da Turquia antiga, no medalhão da sua chatilaine.

Esse então o retrato de um coronel, de um influente chefe cuiabano.

A esse adorno físico de elegância, que servia para compor a forte presença na vida social, juntavam-se elementos de caráter tais como a esperteza, a habilidade política, a determinação, a coragem e a clara demonstração da confiança e da amizade de outros chefes mais poderosos, que contribuía para aumentar e consolidar o prestígio político. Essa, na verdade, era a figura de um coronel de presença urbana, embora assentado em fortes raízes rurais, típico do coronel cuiabano ou corumbaense. De igual modo, a existência dos chefes locais mostra a outra face da moeda que era a fraqueza, a pobreza e a submissão seculares da gente comum, pois, como dizia o coronel retratado por Dunga, “*quando se fala grosso, a plebe acata sem discutir*”. E, nesse falar grosso, exemplificava-se todo o significado do mando. E admiração da menina birrenta que se encantava com as joias, a imponência e os modos dos coronéis também começava a colecionar decepções, a partir do momento em que, em casa educada a respeitar a justiça, por impoluta e reta, ouviu da boca de um desses coronéis

uma frase que chocava com esses ensinamentos, embora não deixasse de ser real: “cadeia é pra pobre e pra negro.”

O que Dunga registra como uma característica do coronelismo local é, com as variantes regionais, um retrato acabado dessa figura que compõe o imaginário das áreas rurais de todo o país, e o que aqui pode parecer singular é, na verdade, o reflexo de uma história comum.

Já aponteí as seguidas “intromissões” que a narradora faz na estória caracterizando-a mais como uma memorialista que propriamente como ficcionista. Dunga participa e “vive” a estória que conta, emitindo sua opinião, como que tendo uma coparticipação natural na vida de todos esses personagens. É que Dunga é antes de tudo uma memorialista. Os fatos e feitos que relata são buscados no fundo do baú de suas vivências. Essa novela baseada na memória ganha, portanto, inusitado caráter híbrido. Por certo que podemos repetir aqui o que Haroldo Bruno escreveu a respeito de José Lins do Rêgo, ou seja, que “[...] *no romance baseado na memória, nem tudo é de fato pura e seca transposição. Ao se filtrarem na concepção estética e se organizarem na urdidura, perdem as impressões sua aparência de material bruto para ganhar um sentido novo de verdade e uma beleza imprevista, que a parcela obrigatória da imaginação ainda mais vivifica.*”⁷ Daí que Cuiabá se torna na realidade o centro dessa ficção, em que a estória de Fisinha é tão somente o fio condutor. A estória registra a incipiente urbanidade que começa a tomar conta da vetusta capital ainda marcada pela influência do mundo rural.

Cuiabá e sua gente, ainda que no apelo do imaginário, do folclore e mesmo na expressão da musicalidade por ela tão bem explorada e pesquisada, se tornou para Dunga exclusiva e permanente fonte de criação. A cidadezinha modorrenta do fim do século XIX e das primeiras décadas do XX tem um retrato fiel no texto de Dunga. E não apenas os aspectos físicos da cidade, seus contornos geográficos de ruas e becos, praças e vielas, com a descrição do interior das residências, a arquitetura sem preciosismos, mas igualmente os relacionamentos sociais, a moral vigente, as relações de poder, enfim, na obra de Dunga um microcosmo ressalta, e aqui me refiro à obra para não ficar tão somente em *Marphysa*, mas igualmente estendendo tal consideração às suas crônicas. Neste sentido é que digo que essa autora preenche uma lacuna importante no relato de nossa história mato-grossense.

7 BRUNO, José Lins do Rêgo – Romancista do Nordeste.

É indiscutível a relevância de uma abordagem como essa para o estudo da macro-história, digamos assim. Tal importância foi sublinhada por W. Churchill em sua monumental obra de memórias sobre a Segunda Guerra Mundial em que admite, tal como Defoe, ter articulado a discussão de grandes acontecimentos com as experiências pessoais de um indivíduo. É essa experiência pessoal que a autora passa para os seus textos, ao captar um momento importante da vida cuiabana. Um momento de transição de hábitos, de costumes, de linguajar. O que, por exemplo, Virgílio Corrêa Filho fez sob um enfoque científico, Dunga interpreta com a sua memória intuitiva na prosa leve da meia ficção. E se fazem menção a duas espécies distintas de coronéis, se identificam, no entanto, na conceituação do gentílico de que foram a expressão.

Se Dunga ressalta no cuiabano a *“lhaneza de trato, muitas vezes tão zelosa, que os não habituados confundem com boa fé ou idiotice, e pode degenerar em exploração da parte de quem a recebe”*, apressando-se a esclarecer que isso *“é sinceridade pura, na força do hábito de bem servir”*, Virgílio vai focalizar no cuiabano aquela *“mentalidade peculiar, capaz de realizar o milagre de conservar a flama civilizadora no recesso dos sertões, desprovido longamente de comunicações com o exterior”* (com) *“a multidão operosa dos legionários anônimos, cuja atuação de bravura consciente [...] se harmoniza com o apego à terra agarrativa.”* Assim, Cuiabá é que, ao final, formata o relato de Dunga e se torna na verdade a grande personagem dessa estória. E nada é mais simbólico dessa força atrativa de Cuiabá quando o relato se completa com o retorno de Fisinha, agora Consuelo, à terra natal, após tantos anos dela separada. Cuiabá, a terra agarrativa, a fez abandonar os filhos e netos, a deixar o conforto, a consideração e o respeito social da cidade grande em terras portenhas e a atraiu de volta, onde pouco tempo depois iria falecer.

Marphysa, podemos dizer, transborda do âmbito da ficção para se confundir com a própria fisionomia cultural e histórica da cidade e de sua gente.

III

Poucos mato-grossenses foram (ou são) tão múltiplos em sua arte como o foi Maria Benedicta Deschamps Rodrigues.

Nascida em Cuiabá em 15 de julho de 1908, filha de Maria Rita Deschamps Rodrigues⁸ e de Firmo José Rodrigues⁹, fez os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço, o ginásio no Liceu Cuiabano e contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Por quatro anos estudou francês, português, latim e linguística com o professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto, respeitado intelectual mato-grossense. Posteriormente, diplomou-se em piano e harmonia pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Professora de francês e português no Liceu Cuiabano e na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, igualmente lecionou piano no Conservatório Mato-Grossense de Música. Funcionária da Universidade Federal aposentou-se como agente didático. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira 39.¹⁰

Desde muito cedo, Dunga¹¹ esteve ligada às coisas da cultura. Ainda no primário fundou o *Faisca*, “*que circulava clandestinamente, por baixo das carteiras, durante a chamada individual*”, pois, conta-nos, a professora “*a despeito da sua grande competência classificava o jornalismo como artimanha ou coisa indecorosa para meninas educadas.*” O jornalzinho “*com composições escolares e mexericos da imprensa*” durou um ano. Depois, no ginásio um jornal manuscrito, *O Recreio*, que era lido em voz alta em sala de aula e, em 1927, ainda no Liceu Cuiabano, colaborou com *A Chrysállida*, jornal fundado por Benjamin Duarte Monteiro e Deocleciano Martins de Oliveira¹². Enfim, Dunga desde muito cedo daria início ao exercício da crônica. Embora tenha exercido com proficiência o magistério, foi com o *metier* da escrita e da pesquisa que ela se destacaria.

8 Filha de Polycena e do general Francisco Carlos Bueno Deschamps. Do mesmo ramo familiar do general e escritor Manuel Cavalcanti Proença.

9 Firmo José Rodrigues [Cuiabá: 1º/06/1871 – Cuiabá: 16/06/1944]. Militar, professor, político [vereador em Cuiabá e deputado estadual], membro do Instituto Histórico de Mato Grosso. Colaborou em vários jornais e revistas de Mato Grosso. Publicou, com José de Mesquita, *Bibliografia Mato-Grossense*, em 1944, e post-mortem, *Figuras e Coisas de Nossa Terra* (em dois volumes) e *Anotações de um Diário de Viagem*.

10 O Patrono é o poeta Antônio Tolentino de Almeida [*Rosário Oeste, 24 de janeiro de 1876 - +Santo Antônio de Leverger, 24 de janeiro de 1938] Promotor de Justiça. Jornalista. Publicou: *Ilusões Doiradas* (1910), *A Índia Rosa*, *Retirada da Laguna* (1930) e *Romeiros do Ideal* (1937).

11 Dunga foi apelido criado por ela mesma, por não gostar do nome de batismo, nos conta Nilza Queiroz Freire em “Acorde e perfume no ar” [Cuiabá: Folha do Estado, 13/01/2002].

12 A respeito deste último ver: CARVALHO, Carlos Gomes de. *A poesia em Mato Grosso – Um percurso de dois séculos*.

Por quase seis décadas, teve uma presença constante nos jornais da capital, nos quais o tema central foi sempre Cuiabá. A par de ser uma memorialista, Dunga não se escusava de trazer temas atuais. E, por diversas ocasiões, nem sempre falava de amenidades.¹³ Em defesa de sua cidade por vezes deixava de lado a brandura que sempre tinha no trato pessoal. É ilustrativa de sua indignação uma pequena crônica publicada em julho de 1991. Com o título de ‘*E agora José?*’ relata:

Depois que nos despojamos de nossas características ancestrais, como a desconfiança do índio, a malícia do negro e conservamos a cabeça dura dos portugueses, temos levado lambada de amargar. Abrimos os braços aos forasteiros, demo-lhes tudo: cadeira de vereador e deputado, cadeira presidencial, chefia, diretoria de repartição pública e de clubes sociais, partilhamos com eles a nossa panela de carne com arroz que eles plantaram nos terrenos que lhes demos, ensinando-lhes nossa lábia política, que não é das boas nem tão responsáveis, mas dá para quebrar galho. Até os pequenos truques e mutretas passamos-lhes de mãos beijadas. “E então indaga: E, agora, o que aconteceu?”

E após descrever o que considerava uma afronta e desrespeito a essa hospitalidade (entre essas uma nova tentativa de divisão do Estado e o re-batizamento de ruas e lugares, além de nomes estranhos à terra com que estavam sendo denominados os municípios que surgiam), Dunga admoesta os nativos: “*E agora será que vamos ficar só cantando o hino do Senhor Divino? Está na hora de raer o forno! Onde estão os cuiabanos, que não agem? Estarão todos dormindo?*”¹⁴

Cuiabá era, com efeito, o seu *leit motif*. De diversas maneiras, inclusive mesmo na composição musical, a cidade seria vista por ela.

O primeiro livro só veio a ser publicado quando Dunga já havia passado dos sessenta anos. *Reminiscências de Cuiabá*, de 1969, data em que a capital completava duzentos e cinquenta anos, é um autêntico mosaico. A pesquisa sobre os periódicos antigos e atuais e o histórico das diversas agremiações – artísticas, literárias, religiosas, cívicas, profissionais, esportivas, recreativas – que existiram e que morreram, em Cuiabá preencheu uma lacuna. Lugar de destaque coube também a culinária, com as receitas para o preparo dos pratos típicos (no qual

¹³ É digno de nota que Dunga estava sempre atenta com os temas mais atuais e sobre os quais não deixava de emitir opinião e se manifestar. Quando a opinião pública matogrossense ainda se encontrava estupefata diante do cruel assassinato do juiz Leopoldino do Amaral, Dunga se apresentou no anfiteatro do Liceu Cuiabano, no dia 20 de novembro de 1999, com a valsa “Meu amigo Leopoldino”, por ela especialmente composta para a ocasião. Assim ela registrava seu protesto e solidariedade diante de um acontecimento brutal e chocante. Ver: “Dunga encantou a plateia com Meu amigo Leopoldino”, matéria assinada por Ronaldo de Arruda Castro, no periódico Correio da Semana, Cuiabá: 29 de novembro a 6 de dezembro de 1999.

¹⁴ Publicada em *Cuiabá ao longo de 100 anos*, de 1994, em coautoria com Maria de Arruda Müller.

se destaca o peixe) e para a fabricação de vinhos e licores (o pequi, o mais conhecido). As festas populares, tanto as religiosas como as profanas – do Divino Espírito Santo, de São Benedito, de Santo Antônio, de São João, as congadas e marujos, as touradas, as cavalcadas – são recordadas com um registro melancólico porque, na ocasião, a maioria já havia desaparecido. As ruas e os becos são por ela lembrados com as inúmeras histórias das pessoas que nelas viveram. No capítulo ‘Curiosidades’ traz relatos de alguns viajantes ilustres que, em épocas diversas, estiveram em Cuiabá. Menciona igualmente duas versões para a origem do nome Cuiabá e sua grafia. Por último, traz as várias lendas conhecidas na região.

Os livros seguintes não destoam da temática eleita. A evocação da Cuiabá de sua infância e juventude surge em *Os Vizinhos*, de 1977. Nele as pessoas, os fatos e os lugares aparecem sem qualquer sinal de melancolia ou tristeza pelo tempo passado, mas quase sempre sob o viés do humor, como lhe era característico, e no qual procura enfatizar as estreitas relações de amizade então existentes. Ele se constitui igualmente numa excelente análise de psicologia social do impacto causado pelo descontrolado crescimento urbano sobre as relações humanas. Em *Os Vizinhos* Dunga mostra que a cidade gradativamente se desumanizou, perdendo as suas características mais marcantes no relacionamento social, entre as quais a amizade, o companheirismo e a hospitalidade. *Marphysa* é de 1981. *Cuiabá: Roteiro das Lendas* foi publicado em 1984, com uma reedição em 1997, ampliada, com o título de *Lendas de Mato Grosso*. Trata-se do primeiro trabalho que reúne a maioria das mitologias e causos do imaginário mato-grossense. Em 1994, em parceria com Maria de Arruda Müller¹⁵, publicaria o excelente *Cuiabá ao longo de 100 anos*, precioso resgate da memória cultural, social e política de Mato Grosso. Num vigoroso esforço de memória, é mostrado, com detalhes e precisão, um rico painel de Cuiabá durante a maior parte do século XX, nele sendo evocado o cotidiano das famílias, a história das ruas, praças e becos, as festas populares e religiosas, alguns fatos políticos, a educação, a culinária e a cultura que foram significativos para cidade. *Colcha de Retalhos*, surgido em 2001, é uma coletânea de artigos e crônicas, que igual-

15 Maria de Arruda Müller [*Cuiabá, 9 de dezembro de 1898 - +Cuiabá, 5 de dezembro de 2003]. Professora. Ocupou a Cadeira 7 da Academia Mato-Grossense de Letras. Cofundadora, na década de 20, do Grêmio Literário Júlia Lopes, que editou a revista cultural *A Violeta*, reunindo uma plêiade de intelectuais mato-grossenses, a maioria mulheres. Exerceu destacado papel beneficente, quando primeira dama do Estado. Além dos livros de genealogia e de crônicas como *Família Arruda* (1972), *Cuiabá ao longo de 100 anos*, (em coautoria com Dunga Rodrigues, 1994) publicou ainda o livro de poesia *Sons Longínquos* (edição comemorativa de seu centenário, 1998). Para saber um pouco mais sobre a autora, ler *Júlio Müller: Um modernizador no Oeste*, em *Perfis Mato-Grossenses*, de Carlos Gomes de Carvalho.

mente trata de Cuiabá. Ela coletou, ainda, os trabalhos publicados por seu pai em jornais e os reuniu em dois volumes com o título de *Figuras e Coisas da nossa terra*, (1969).

Considero, porém, que a maior contribuição de Dunga Rodrigues no campo da pesquisa histórica está nos quatro pequenos volumes do *Roteiro Musical da Cuiabania*. Publicados pela Universidade Federal de Mato Grosso entre 1978 e 1979, representa trabalho de fôlego no registro da história da música em Mato Grosso. Muito embora as manifestações musicais, inclusive as eruditas, em Cuiabá se tenham constituído numa forte tradição¹⁶, com enraizamento popular, os dados relativos se perderam ao longo do tempo, daí que as pesquisas empreendidas pela autora têm um significado notório, e não apenas para a cultura mato-grossense. O livro cobre o período que vai desde os primeiros anos da povoação da Capitania até meados do século XX, abrangendo tanto as manifestações sacras como as profanas. A par de trazer as partituras, num notável processo de recuperação das peças históricas, faz a biografia dos principais músicos, compositores e maestros, e traça a trajetória, o nascimento e morte, das sociedades musicais. Trabalho precioso e único que, por si só, já seria suficiente para colocar Dunga Rodrigues na primeira página da história da cultura mato-grossense. Em 2000, algumas das informações contidas no primeiro volume foram ampliadas no livro *Movimento Musical em Cuiabá*.

A sua produção intelectual e atividade de musicista fizeram de Dunga uma figura pública bastante conhecida e querida nos meios culturais de Cuiabá.¹⁷ Muito embora sendo respeitada e considerada,

16 É curioso, e extremamente valorizador dessa tradição, o testemunho que o cientista alemão Karl Von Steinen, que esteve em Cuiabá em 1884, deixou: “Não é possível que haja outra cidade no mundo onde se toque mais música, se dance mais, se jogue mais baralho do que aqui.”. In: CARVALHO, Carlos Gomes de. *Viagens ao Extremo Oeste – Desbravadores, aventureiros e cientistas nos caminhos de Mato Grosso*.

17 No ano em que completou 80 anos tive a oportunidade de, na condição de presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, prestar-lhe homenagens, quando foram feitas palestras sobre a sua obra e a sua pessoa. Entre essas lembranças esteve a edição de um pôster, em tamanho grande, em que os poetas Silva Freire, João Antônio Neto e Carlos Gomes de Carvalho prestaram-lhe tributo. A minha poesia:

Dunga: Nem Oito nem Oitenta
 A figura miúda / o riso leve / a voz diminuta / o nome breve
 *escondem / escandem
 * presença densa / forte como árvore secular / arte no viver e no pensar / presença tão presente / quanto o Cuiabá / em simultânea / fragilidade
 * Mas, / Dunga, / que idade?
 * Nem oito nem oitenta / quando coração se tem / para imprevistas paisagens percorrer / tão veloz como o guaicurú / das vastidões pantaneiras
 * Dunga alegria: / ouro forte coxiponês / doce de caju com Chopin / mastiga Paris e ouropéis / com sotaque cuiabano / quem é que pode?
 * Nome tão pequenino: Dunga / cabe na palma da mão / mas a mão cuiabana / abarca o Coxipó / todas as monções / e o sentido da vida.

Dunga não deixava de entremostrear, nos últimos tempos, certa amargura com o tratamento que recebia após longos anos de uma vida digna e dedicada ao interesse público. No discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras, em 19 de abril de 1984, tornava sua a mesma indignação mostrada pelo padre Antônio Vieira, para quem “*Se servistes à vossa Pátria e ela vos foi ingrata, fizestes o que deveríeis e ela o que costuma!*” Com efeito, a dolorida manifestação da dedicada professora e pesquisadora ainda hoje ecoa. Em outro momento diria: “*Como funcionária que dedicou 53 anos de serviço público e avançada em idade, e não adianta esconder que oitentei em julho findo, não tenho o direito de usar a minha conta bancária para que nela sejam depositados os meus vencimentos, pois nela eu deveria deixar sempre saldo alto e movimentar a conta.*”¹⁸ Dunga se reportava tanto à necessidade de cobrir os seus compromissos cotidianos, quanto às inesperadas dívidas assumidas junto à Prefeitura de Cuiabá. E mais adiante, numa sutil estocada: “*Enquanto o dr. Prefeito me oferece uma escola com o nome de meu pai, a prefeitura me toma o telefone em nome da lei. Com as OTNs ajudando a derrocada, é capaz de ir até a casa em que moro.*” E com a sua fina ironia colocava a questão sempre atual: “*Dinheiro de professorado dá para guardar? Movimentar sim, ele se movimenta do Banco para os supermercados, depositando os juros no estômago.*”¹⁹ Embora sem perder a cordialidade e o humor, que lhe eram características, Dunga marcava a sua presença mesmo em tempos ruins.

No fundo, com os seus olhinhos azuis, miúdos e atentos, Maria Benedicta Deschamps Rodrigues sorria para o futuro, na certeza de que deixaria uma obra a ser reverenciada.

Estava em casa de familiares em Santos (SP) quando faleceu em sete de janeiro de 2001. Mas, a essa altura, já havia construído, com competência e dedicação, uma obra nascida da memória e do coração. Uma obra em que existe o que de mais afetivo já foi escrito sobre Cuiabá. Os ecos dessa manifestação amorosa por certo alcançarão as gerações futuras que, talvez, lhe demonstrem maior gratidão.

E resta a certeza, que não é somente minha, de que não se poderá conhecer completamente a história desta cidade sem se conhecer os livros de Dunga. E certamente sem a sua leitura impossível será amar inteiramente Cuiabá.

18 Discurso feito em 17 de setembro de 1988 ao receber homenagem do Tênis Clube de Cuiabá. Publicado com o título de ‘Quando virei praça’, em *Cuiabá ao longo de 100 anos*.

19 Ibidem.

IV

Para encerrar, apontarei aquelas características que julgo mais marcantes no estilo dungaiano, e que o distingue no contexto de nossa literatura regional. O humor é certamente a primeira delas. Ele modula o texto de Dunga e vai num diapasão do simples e anedótico até a sutil ironia que encanta e faz refletir. Nessa ironia, no entanto, não existe a aspereza que antagoniza, já que algumas vezes se faz contra si mesma. Tal se vê com frequência. Por exemplo, em uma de suas crônicas conta que “*uma senhora, frequentadora assídua da nossa casa, constantemente repetia: ‘todas as mulheres que se prezem deverão ter um chapéu de homem no armador e um telhado na sua cabeça’.* Ela se referia a um marido e à casa própria. Como o chapéu não aparecia, parti para o telhado.” Dunga, que permaneceu solteira toda a vida, ironizava a sua situação de modo que lhe permitia a fazê-lo com relação aos demais. Como é o caso da referência que faz a um certo dr. Trindade, advogado jovem e brilhante, mas cada vez mais voltado para a cachaça, de preferência a Tamandaré, famosa na época. No casamento de Marphysa, já de cara cheia, se pôs a discursar e não parava mais com os elogios, dos financeiros aos físicos, e neste ultimo ia animado se prolongando quando alguém lhe falou ao ouvido, mas alto o suficiente para que os mais próximos ouvissem: “*Vê se paras no umbigo.*”

Dunga reuniu o humor e a ironia numa mesma feição intelectual em que a graça leve e elegante jamais chega a ser ácida ou picante, embora possa às vezes parecer incisiva. Neste aspecto, diga-se, o seu texto é o mais puro reflexo dela mesma em seu cotidiano quando a ironia se entremostrava através dos olhos maliciosos e aparentemente inocentes. Como, aliás, soe acontecer com os sábios. Num ensaio sobre o humor, Afrânio Peixoto escreve que “*Sócrates ou Luciano fariam rir com os olhos maliciosos, que é por onde ri a ironia.*”²⁰ Para esse autor, o humor é muito ligado à terra de origem,²¹ variando no mundo, portanto, conforme o clima, a cultura e a história do povo. Neste entendimento, o riso elegante e matreiro de Dunga é bem a expressão de seu tempo e de sua terra.

A leveza de seu texto, quase coloquial, valoriza a expressão, a linguagem e o ritmo da cuiabania ou, se preferirem, da cuiabanidade. Seu estilo intuitivo, sem rebuscamento, espontâneo e fluído, é quase a fala do povo diretamente captada e assim ela recupera expressões antigas e

20 PEIXOTO, Humour.

21 “O riso da ironia ou ‘humour’ sabe a terra de origem e tem o reflexo do céu que o despertou.” , p. 13.

resgata inúmeros dizeres e ditados populares encravados nas crendices, nos hábitos e na tradição da terra. Isso não quer dizer, porém, que a linguagem não seja a sua, com seus toques de originalidade e beleza, onde a composição rítmica e os recursos metafóricos que utiliza seja igualmente a expressão de alguém que busca sempre burilar seu texto. Mas, ao fazer essa expressão popular vir à tona através do texto literário limpo, claro e direto ela se torna a legítima intérprete da maneira de ser de seu povo, expressa não apenas na linguagem. Por isso mesmo é que os textos escritos por Dunga revelam uma paixão manifesta por tudo quanto é intrinsecamente cuiabano. Esse sentimento arraigado, profundo, telúrico, de transbordante amor à terra, chamada de agar-rativa pelo franco-brasileiro Augusto Leverger, é a expressão daquilo que veio a ser denominado de cuiabania.²²

Mas, afinal, o que vem a ser essa “cuiabania” ou “cuiabanidade”? Quais as características que poderíamos destacar como sintonizadora dessa expressão? Aventurando-me a conceituar, eu digo que se trata de um espaço cultural animado por um estado de espírito que concentra a determinação, a perseverança, o humor, a esperança melancólica e a hospitalidade. Uma corrida de olhos pela História pátria se verá que essas características se fizeram presentes no ponto mais avançado da civilização lusitana nos trópicos. E elas marcaram o transcurso das delimitações geográficas e a formação de uma psicologia social própria. Houve uma têmpera que forjou o espírito e a inteligência da gente que aqui se estabeleceu. Buarque de Holanda atribui à forja desse caráter peculiar às “*calamidades que se abateram durante anos seguidos sobre essa gente*” e que exerceram “*uma função seletiva*”, o que fez com que permanecessem aqui somente os melhores, os mais resistentes, os mais tenazes, aqueles que realmente conseguiram vencer desafios “sobre-humanos”.²³ Observadores estrangeiros igualmente enalteceram esse caráter do povo que aqui se arraigou. Para ficar num único exemplo: Karl Von den Steinen, o cientista alemão que aqui esteve em 1884, escreveu: “*Se algumas línguas más supõem que os cidadãos cuiabanos são dotados de certa indolência e mesquinhez [...] acredito que esses defeitos não emanam dos seus antepassados. [...] Os homens que, no início do século anterior, penetraram este confim de mundo, eram audazes aventureiros*

22 Evidentemente que Dunga Rodrigues não foi a única, nem a primeira, a registrar a expressão e a dela tratar. Há um rol significativo de escritores cuiabanos, como Virgílio Corrêa Filho, José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Franklin Cassiano da Silva, Francisco Ferreira Mendes, Isác Póvoas, Ulisses Cuiabano etc., para só ficarmos em alguns mais notórios, que discorreram sobre esse estado de espírito.

23 HOLANDA, *Monções*. Veja também: CARVALHO, No distante Oeste – A primeira crítica teatral no Brasil. e Cuiabá – Corpo e Alma.

... . [...]. *Se se estuda amplamente, em livros e em mapas, as rotas que seguiram, calculando as enormes distâncias que atravessaram [...] não se conseguirá evitar o sentimento de inveja.*”²⁴ Tais componentes da raça foram igualmente ressaltados por historiadores como Corrêa Filho e José de Mesquita, só para ficarmos nos exemplos mais evidentes.

O que a esse respeito distingue os textos de Dunga é que, se aqueles autores o fazem com o enfoque exclusivo da historicidade, com textos mais enxutos e diretos, ela o faz, porém, com verve, ironia e humor únicos. A autora traça o retrato físico e espiritual da gente cuiabana no que ela tem de mais radicado às tradições e aos valores autênticos da terra. Em outras palavras, a força telúrica surge envolvida pelos componentes espirituais que representam a marca mais legítima e definitiva de um povo. E se tivesse que ressaltar uma característica a que Dunga dá especial relevo como a marca da sua terra, eu distinguiria a hospitalidade. O caráter hospitaleiro de sua gente, segundo ela, “*é como um artesanato, passando de pai para filho e praticado até os dias de hoje*”.

Na realidade, os escritos de Dunga abrangem a maior parte dos aspectos da vida cultural e da história do povo cuiabano. A versatilidade de sua abordagem vai da culinária à geografia, do folclore à música, da arquitetura e do urbanismo aos fatos históricos que emolduram as tradições cuiabanas. Temos, pois, na leitura de Dunga um múltiplo painel da terra dos cuiabases. Por ele se comprova a riqueza do legado aqui plantado ao longo do tempo que forjou o espírito de um povo. Os costumes sociais e religiosos, as lendas, os modismos, os falares e o sotaque característico, as superstições e simpatias, os inúmeros remédios caseiros, as promessas aos santos e as penitências cobradas aos milagres, as festas populares e as oficiais, o movimento musical, a educação nas escolas e as instituições culturais existentes, enfim, um cenário do qual se ressalta não somente o acendrado amor à terra como igualmente uma visão crítica sobre os rumos que a sua cidade veio tomando nas últimas décadas, com a substituição dos hábitos, a desfiguração arquitetônica da cidade, e, por que não reconhecer, uma crescente perda de identidade.

Tanto com *Marphysa* como com as *Crônicas Cuiabanas*, e em inúmeros outros textos, Dunga Rodrigues dá um contributo plural para a sociologia, a psicologia social, o folclore e até para a literatura de ficção em nossa terra. Estes textos, sendo a mostra da intertextuali-

²⁴ Para o texto completo, ver: CARVALHO, *Viagens ao Extremo Oeste – Desbravadores, Aventureiros e Cientistas nos caminhos de Mato Grosso*.

dade entre a realidade e a ficção, são a representação acabada do olhar arguto da repórter, combinados com as impressões da memorialista e a sensibilidade da ficcionista. Mas é, sobretudo, a expressão de quem quis passar através de sua arte o profundo amor ao seu torrão natal e a sua gente.

Diante dessa consideração, parece-me oportuno lembrar, sobre Dunga, as palavras de Dostoievski sobre Puchkin, em seu *Diário de um Escritor*: “Amou o povo justamente como o povo exige que o amemos, e não tratou de adivinhar como é preciso amar o povo, não se preparou, não o estudou: ele mesmo mostrou logo ser povo. Inclinou-se ante a verdade do povo, reconheceu a verdade do povo como sua própria verdade. Apesar de todos os defeitos do povo e seus inúmeros costumes degradados, soube distinguir a elevada essência de seu espírito quando quase ninguém olhava o povo dessa maneira, e aceitou essa essência como seu ideal.”

Dunga Rodrigues coloca-se, pois, a meu ver, no patamar mais alto da literatura e da cultura em nosso Estado, figurando, sem qualquer favor, entre os nossos nomes mais expressivos.

REFERÊNCIAS

- BALZAC, Honoré de. *A Comédia Humana*. São Paulo: Globo, 1989.
- BRUNO, Haroldo. *José Lins do Rêgo – Romancista do Nordeste*. In: _____. Estudos de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1957.
- CARVALHO, Carlos Gomes de. *Perfis Mato-Grossenses*. Cuiabá: Verdepantanal, 2002.
- _____. *A poesia em Mato Grosso – Um percurso de dois séculos*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- _____. *A Cuiabá – Corpo e Alma*. Cuiabá: Verdepantanal, 2006
- _____. *No distante Oeste – A primeira crítica teatral no Brasil*. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.
- _____. *A Viagens ao Extremo Oeste – Desbravadores, aventureiros e cientistas nos caminhos de Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2005.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pantanais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1946.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Diário de um escritor*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.
- ECO, Humberto. *A Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- PEIXOTO, Afrânio. *Humour*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- RODRIGUES, Firmo José. *Figuras e coisas da nossa terra*. São Paulo: Gráfica Mercúrio, 1959. (vol. I) / Cuiabá: Oficinas Gráficas da ETF de Mato Grosso, 1969. (vol. II).

- _____. *Notas de um diário de viagem, 1893-1894*. (org. Dunga Rodrigues). Cuiabá: Genus, 2000.
- RODRIGUES, Dunga; MÜLLER, Maria de Arruda. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá: FIEMT, 1994.
- RODRIGUES, Maria Benedicta Deschamps (Dunga Rodrigues). *A situação linguística do Francês*. Cuiabá: s/ed, 3ª ed., s/ data.
- _____. *Reminiscências de Cuiabá*. Goiânia: Cinco de Março, s/d.
- _____. *Os vizinhos*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1977. (Cadernos Cuiabanos).
- _____. *Roteiro Musical da Cuiabania*. 4 v. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1979-1983.
- _____. *Marphysa*. Cuiabá: UFMT, 1981. (Coleção Memória Social Cuiabana)
- _____. *Cuiabá: roteiro de lendas*. Cuiabá: UFMT, 1984. (Memória Social da Cuiabania).
- _____. *Uma aventura em Mato Grosso*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1984.
- _____. *Lendas de Mato Grosso*. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1997.
- _____. *Colcha de retalhos*. Cuiabá: Defanti, 2000.
- _____. *Movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá: Gráfica Atalaia, 2000.
- STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central*. Expedição em 1884 para a exploração rio Xingu. São Paulo: Nacional, 1942.